

pelos caminhos  
assombrados de portugal  
rota dos mitos e lendas  
vanessa fidalgo

*Para as minhas filhas, Luísa e Leonor, que nunca se cansam de me ouvir contar histórias. Para o Luís e para o Leonardo, que nos fazem tão bem...*

**«Sei ter o pasmo essencial  
Que tem uma criança se, ao nascer,  
Reparasse que nascera deveras...»**

*ALBERTO CAEIRO*

# Índice



<b><i>Introdução</i></b>	<b>15</b>
<b><i>Algumas regras de sobrevivência para viajantes incautos</i></b>	<b>17</b>
Não leves estranhos para a cama...	17
Não gozes com aquilo que não conheces	18
Não dês boleia a gente esquisita	20
Cuidado com o que bebes!	21
É melhor levar lanterna!	22
Escolhe bem as miúdas...	23
Não nades fora de pé!	24
Há por aí muitos impostores...	24
Não saias à rua no dia e no lugar errados	25
O perigo de se ser curioso...	26
<b><i>Pelos caminhos assombrados de Portugal</i></b>	<b>29</b>
Estação de São Bento	29
As «Casas Altas»	31
As «vozes» da Voz do Operário	32
Colégio de S. Fiel	33
Jogo do copo	35
O emigrado de Velas	38
A árvore do diabo	39
A casa assombrada	41
O homem das barbas	44
A torre de Bias	44
A Cova dos Mouros	46
O Castelo de Paderne	47
A portela dos Fiéis de Deus	48

<b><i>Rota dos sustos: lugares de onde é melhor fugir a sete pés</i></b>	<b>51</b>
Obras de Santa Engrácia	51
Rabo de Peixe	53
Os «possuídos» de Santa Leocádia	54
Os penedos da morte	56
Corpo de Deus	57
Rio Sordo	57
Moncarapacho, terra de lendas e abismos insondáveis...	58
Capelinhos	62
Freixo de Espada à Cinta	68
<b><i>Roteiro de amores trágicos, agoiros, traições e outras desgraças malfadadas</i></b>	<b>73</b>
Amendoeiras em flor	73
A ousadia de Domus e Susana	75
Ana e Machim	76
Rei Ramiro e os seus dois amores	78
Qual delas?	81
Basília	88
No ar geme ela	90
A Ponte do Beijo	92
As águas de Almofala	98
Azul e verde como a paixão	112
O príncipe Romualdo	114
As sete lagoas da ilha das Flores	116
<b><i>Terra de milagres, santos e heróis</i></b>	<b>119</b>
O milagre de Cascais	119
A Senhora do Baleal	120
Penela	121
Piratas e faquires	127
S. Miguel Arcanjo	132
Um dragão em Aljubarrota	132
O Castelo do Sabugal e o milagre das rosas	133
A luz de Carnide	139
A lenda da Porta da Traição	139
O capitão do Vidoedo	142

O Senhor de Matosinhos	145
O «escolhido»	147
Yeborath e a lenda de Geraldo «Sem Pavor»	148
O sobrenatural na Batalha de Ourique	149
O galo de Barcelos	151
<b><i>Atrações locais: seres mágicos</i></b>	<b>153</b>
A bruxa que quebrou a sina	153
O vampiro de Arruda dos Vinhos	155
Maçarocas endiabradas	156
O lobisomem enciumado	157
A sereia de Vilariça	158
Bela Floripes	159
O repasto do diabo	164
O ladrão das botas mágicas	165
Arraul	166
As águas de Marim	168
Montalegre, a terra dos bruxos	173
Há bruxas à solta no Alentejo!	175
<b><i>Calendário de festas, procissões e romarias</i></b>	<b>177</b>
Celebrar o «Velho»	177
Romaria de S. Bartolomeu do Mar	178
As marafonas de Monsanto e a festa das Cruzes	179
Coisas de rapazes	182
«Serra a Velha!»	184
A Queima do Judas	185
Nossa Senhora da Enxara	186
Nossa Senhora da Burrinha	187
Procissão de Endoenças	187
Sábado de Aleluia em Idanha-a-Nova	188
A festa das Tochas Floridas	189
A travessia da cruz	190
O maior espetáculo do mundo	190
<b><i>Bibliografia</i></b>	<b>197</b>
<b><i>Agradecimentos</i></b>	<b>201</b>

## *Introdução*



**N**uma das ruas da minha infância, houve em tempos uma lindíssima e majestosa casa apalaçada, de paredes rosa-carne, com grandes e românticas arcadas na entrada. Desde sempre a conheci abandonada e já pouco protegida dos olhares curiosos de quem passava na avenida por causa dos seus muros periclitantes e carcomidos pelo tempo, onde cresciam buracos e trepadeiras crespas e selvagens que serviam de casa a lagartixas fugidias no verão. Apesar do receio que punha o meu coração «a mil», foram muitas as vezes que trepei aquele muro só para a espreitar. Eu e muitos outros miúdos e graúdos, igualmente atraídos pelo mistério daquele solar tristemente esquecido e que destoava completamente da restante malha urbana dos arredores de Lisboa.

Ao longo dos anos em que o fantástico solar foi meu «vizinho», foram várias as histórias que sobre ele ouvi: que vivia lá «um coxo que era lobisomem», que acolhia «ratazanas gigantes e ferozes nas caves e, por isso, quem lá entrasse arriscaria a pele» e, claro, a mais comum má fama de todas as casas velhas e abandonadas: que «estava assombrada!».

Um dia, porém, os portões da velha casa rosa-carne abriram-se pela primeira e última vez de par em par. Dois ou três carros

instalaram-se no jardim e uma série de homens de *jeans* e com pouco aspeto de lobisomens tiravam e carregavam o que queriam e podiam.

A seguir vieram as máquinas, e a velha casa foi abaixo, em meia dúzia de estertores de entulho, para dar azo a um novo condomínio com direito a um pequeno centro comercial que, curiosamente, também tinha arcadas na entrada, embora de *design* muito mais moderno.

Conto esta história apenas porque sei que não tem absolutamente nada de especial! Nem tão-pouco é uma lenda verdadeiramente digna desse nome. Conto-a precisamente porque é comum a todos nós, que um dia conhecemos um lugar e ouvimos sobre ele uma pitoresca história, que nos arrepiou e emocionou, mas, acima de tudo, levou a que nunca mais o esquecêssemos.

Na realidade, a grande maioria das histórias que povoam a nossa tradição oral nasceu assim. Da curiosidade, da singularidade e da profícua imaginação popular que as passou de boca em boca e depois de geração em geração até aos dias de hoje, fazendo de fantasmas, bruxas e antigos heróis — que ninguém sabe ao certo se realmente existiram — parte imprescindível da identidade de uma comunidade.

Afinal, quem nunca ouviu uma dessas histórias de susto à la-reira na aldeia dos avós? Quem nunca fechou os olhos para imaginar como seriam as mouras encantadas que povoam os castelos do Alentejo ou do Algarve? E quem nunca se sentiu secretamente abençoado por viver num país que não só é bonito como tem também escondidas estas pérolas, absolutamente apetecíveis de desvendar e de partilhar?

Pois é dessas histórias, nascidas da boca dos nossos antepassados e que nos unem, que fala este livro. Histórias de um povo que gosta de conversar com quem chega ou está, que gosta de receber e partilhar... e que, ao contrário do que se quer fazer acreditar, estima (e muito!) a herança dos seus antepassados.



# *Algumas regras de sobrevivência para viajantes incautos*



## **NÃO LEVES ESTRANHOS PARA A CAMA...**

Em Sabrosa, distrito de Vila Real, conta-se que uma mulher que há muitos, muitos anos vivia sozinha costumava ouvir, sempre que se recolhia no quarto para o sono dos justos, um pequeno espírito a choramingar e a raspar o soalho. A mulher chamava-lhe um trasgo, porque é assim mesmo que os transmontanos chamam a estas pequenas criaturas, que acreditam ser as alminhas dos inocentes (crianças, entenda-se) que já partiram. Por isso, não lhes levam a mal as brincadeiras nem as traquinices, e alguns até apreciam a sua companhia nas noites frias e duras do inverno transmontano.

No entanto, há limites para tudo... e a pobre senhora estava prestes a atingir o seu.

Todas as noites era o mesmo martírio, que a impedia de pregar olho e dormir descansada. No entanto, mal acendia a luz do candeeiro, o barulho parava imediatamente! E, ao voltar a apagá-lo, o ruído voltava. Na tentativa de resolver a situação, a mulher por vezes sentava-se na cama e falava para o corredor:

— O que tens tu, afinal? Tens fome, tens frio?... Não tens sono?  
Mas, como é óbvio, não obtinha qualquer resposta. O barulho

parava por breves momentos, mas mal ela tornava a encostar a cabeça à almofada, recomeçava tudo outra vez.

Numa noite especialmente gelada e ventosa, a mulher teve pena do trasgo e resolveu propor-lhe umas tréguas, conforme relata o professor e investigador Alexandre Parafita na sua extensa obra de recolha de literatura de tradição oral:

— Tenho a certeza de que estás cheiinho de frio! Ao menos, vem aqui para ao pé de mim e agasalha-te debaixo dos cobertores!

Ora isso era tudo o que o trasgo sempre quisera ouvir! Num instante, enfiou-se com a mulher na cama, e logo os seus lamentos acabaram.

E podia de facto ter acabado tudo em bem, mas não foi o caso. Passado um bocado, que nem foi muito longo, a mulher sentiu umas unhas afiadas a darem-lhe um beliscão nas nádegas, com tal força que logo ali pôs os pontos nos is:

— Ah, diabo dum raio! Desaparece! Vai para os confins do Inferno!

Aquilo saíra-lhe mesmo das entranhas. E em melhor hora não podia ter proferido tal maldição. Foi remédio santo! Dali em diante, nunca mais a mulher nem ninguém entre os que depois viveram naquela casa ouviram quaisquer gemidos ou ruídos estranhos!

## **NÃO GOZES COM AQUILO QUE NÃO CONHECES**

Outra regra de ouro para quem pisa território desconhecido é não se rir de nada que não se conheça bem. Quem lá vive pode ficar ofendido, resolver dar uma lição aos forasteiros e, ao invés de lembranças, dar-lhes umas quantas más memórias para levar na bagagem.

Crê-se que deve ter sido isso mais ou menos que aconteceu lá para os lados da ilha de São Jorge, nos Açores...

O povo desta ilha sempre acreditou que na noite de 2 de

fevereiro havia uma espécie de encontro entre dimensões diferentes e apareciam diabretes à face da terra!

Na etnografia açoriana, os diabretes são uma espécie de duendes que vivem geralmente no mar mas que em determinadas ocasiões trepam sorratamente as fajãs para fazer das suas em terra.

Claro que assustavam muito as pessoas, que nesse tal dia de 2 de fevereiro se fechavam em casa com as portas e as janelas todas muito bem trancadinhas.

Só que houve um ano em que apareceram no lugar de Toledo dois homens de fora que não acreditavam nada nessas histórias de diabretes e duendes e resolveram enfrentar os ditos do povo, talvez querendo provar que não passavam de credices sem fundamento...

Combinaram então o que iam fazer e escolheram a Fajã de Vasco Martins para passar aquela noite aziaga.

Quando o Sol se pôs, encaminharam-se para o local, armados com mantas e canas de pesca, pois estavam convictos de que a noite ia ser longa e entediante.

A verdade é que o tempo foi passando sem que nada de especial acontecesse. Como estava a ficar muito frio, resolveram meter-se ao caminho em direção a uma casa na Fajã, onde se sentaram, a conversar e a rir. De repente, no meio da galhofa, começaram a ouvir uma barulheira infernal: parecia que as telhas estavam todas a partir-se, a ser arrastadas pelo ar fora; pancadas fortes nas portas e janelas como se de lá de fora viesse um monstro medonho...

Parecia o fim do mundo! Os homens, antes tão destemidos, tremiam de medo e deixaram ficar-se encolhidos a um canto. Nem sequer tiveram coragem de ir à porta ver o que se passava.

Na manhã do dia seguinte, não ganharam igualmente para o susto: quando olharam para o telhado e viram que nem uma telha estava partida nem fora do seu lugar, que nas portas não havia mazela nem sinal de pancadas, voltaram a tremer de medo.

Claro que a história se espalhou tão rapidamente como os

duendes que iam e voltavam ao mar e, daí em diante, nunca mais ninguém em Toledo se atreveu a gozar com os diabretes...

Esta história foi recolhida no final dos anos 1990, pela professora Ângela Furtado-Brum, na magnífica calheta de São Jorge.

## **NÃO DÊS BOLEIA A GENTE ESQUISITA**

Na região oeste, agora também muito procurada pelos viajantes de dentro e fora de Portugal, conta-se que noutros tempos, em Á-dos-Arcos, vivia um homem que costumava ir todos os dias ao ferro-velho no seu burrito.

No entanto, uma vez, devia andar o relógio pela meia-noite, o homem ia a passar pela Louriceira de Cima quando ao contemplar o horizonte escuro e supostamente vazio de gente viu o vulto de uma mulher vestida de preto que lhe pediu boleia.

O senhor, preocupado, saiu imediatamente do burro e deu o seu lugar à cansada senhora. Quando se atreveu a olhar mais demoradamente para a cara dela, no entanto, reparou que era defeituosa!

A mulher não esteve com meias-medidas nem muitos rodeios: disse-lhe que era bruxa! E que se ele contasse a alguém lhe lançava um feitiço daqueles que poriam a vida a andar para trás.

Quando então chegaram ao cruzamento de Adoseiros, a bruxa desmontou do burro e continuou o seu caminho a pé pelo meio de um mato frondoso, em direção à serra, onde não morava viva alma.

O homem, cheio de medo, não contou nada a ninguém. Pelo menos, não de imediato... mas a alguém deve ter dito!... ou não estaríamos nós aqui agora a recordar esta história que faz parte dos arquivos sobre tradição oral da Câmara Municipal de Arruda.

## CUIDADO COM O QUE BEBES!

Há quem, por princípio, não ligue a conversas de quem já tem um copito a mais. Mas também há quem diga que um copo de vinho ajuda a ver o que nem sempre o pensamento racional deixa descortinar. Alguém há de ter razão, mas certo é que nem o álcool apagou da memória de quem o bebeu uma certa história passada há alguns anos na Invicta e relatada no final do século XIX pelo etnógrafo e historiador Augusto Soares Pinho Leal.

Parece que numa rua que todos conheciam como «a rua de Cima do Muro», algures na freguesia de São Nicolau, perto do Postigo dos Banhos, havia uma tasca que se tornou célebre fora do Porto e até mesmo pelo mundo fora. Não é de estranhar assim tanto, tendo em conta que o botequim era geralmente frequentado pelos marinheiros que ali atracavam, na sua maioria vindos de Inglaterra, Rússia, Alemanha, França, etc.

Mas a fama do sítio não era propriamente boa. De vez em quando havia rebuliço, bofetada ou pancadaria da grossa entre os que já estavam entornados e cobiçavam a mesma mulher de má fama. Outras vezes desentendiam-se por causa do jogo.

Contudo, havia também relatos tenebrosos à mistura! Muitos diziam que ali tinham sido roubados e mortos muitos marinheiros ingleses e de outros países. Quando o vinho pesava mais do que os olhos, quedavam-se por ali adormecidos, e o dono — segundo as más-línguas — aproveitaria para os roubar. Depois, para não ter problemas, lançava os corpos ao rio. Havia até quem jurasse a pés juntos que há muito que as autoridades andavam de olho naquilo, vigiando quem entrava e saía. A polícia, todavia, nunca fez qualquer detenção e, por isso, a história nunca passou do boato.

Um dia, a casa foi demolida e expropriada pela câmara, como muitas outras na mesma rua, para que fosse aberta a Rua da Nova Alfândega e, assim, os boatos aterradores ficaram para sempre enterrados debaixo do entulho. Certo é que, a partir daquele dia,

nunca mais houve notícias de marujos que acidentalmente caíam ao rio...

Desta história tiram-se duas importantes conclusões: no que diz respeito ao vinho é melhor ser moderado na quantidade, e ser cauteloso na companhia!

## **É MELHOR LEVAR LANTERNA!**

Esta é uma história que pode servir de aviso a muito incauto turista que se aventura pelas suaves planícies alentejanas.

Até há bem pouco tempo, diziam os mais antigos compadres alentejanos que em certas noites havia uma luz que tinha por hábito acompanhar as pessoas de noite, para onde quer que elas fossem. A luz tinha especial predileção pelos pastores, vendedores, padeiros e todos aqueles que tinham de se levantar de noite para as suas lides.

As pessoas estranhavam um bocadito, porque não faziam a mínima ideia do que era aquilo. Muitos pensavam que seria a alminha de um ente querido que partira e que voltava para lhes fazer companhia nas noites de solidão. Por isso, já nem ligavam muito e alguns até gostavam da presença da luz em redor.

No entanto, há um detalhe que todos devemos saber antes de nos aventurarmos por aquelas bandas: por vezes, quando a luz pousava no chão ou numa árvore, havia pessoas curiosas que às vezes queriam meter-se com a dita luz. Tentavam agarrá-la, metê-la dentro de um saco ou atirar-lhe uma pedra ou um pau para a ver a mexer...

Só que nessas alturas a luz pode tornar-se extremamente agressiva e assustar até o mais intrépido dos corações. Quando se sente ameaçada, a «luzinha da Charneca» — é assim que é conhecida — lança farpas de fogo e arremessa-se contra os seus agressores. À conta disso, houve muito boa gente que desatou a fugir a sete pés e só muito a custo voltou a sair à noite! Isto é, pelo menos, a história que

consta nos arquivos de recolha etnográfica do Centro de Estudos Ataíde Oliveira, através de uma pesquisa de campo efetuada em 2008 e recolhida por estudantes da Universidade do Algarve.

## **ESCOLHE BEM AS MIÚDAS...**

Outra história que deve pôr muito visitante no nosso tórrido Algarve de sobreaviso diz respeito a uma alma penada que costumava aparecer junto a uma discoteca que em tempos fez furor.

O dito local de diversão já não existe, mas a história, essa, continua a ser muito popular entre os algarvios. Existem por isso várias versões, umas com mais requinte de pormenor do que outras, mas, no geral, rezam assim:

Havia uma rapariga que estava muitas vezes na Kadoc sozinha a olhar para quem passava. Precisamente por não ter companhia, acabava por atrair quase sempre alguém que metia conversa e que, ao tocar-lhe, a sentia completamente gelada. Ora, raramente o conviva estranhava a situação e, para ser simpático, oferecia-se para lhe emprestar um casaco ou um blusão.

No início da conversa, a rapariga dizia sempre que estava bem e recusava-se a aceitar o casaco, mas depois acedia e abrigava-se na peça de vestuário emprestada. As horas passavam, os amigos despediam-se e a moça fornecia uma morada para que no dia seguinte lá fossem a casa buscar o blusão.

No dia a seguir, lá ia o rapaz, muitas vezes até esperançoso de bisar a saída ou mesmo encetar um namorico, mas quando lá chegava e batia à porta, atendia somente a mãe, explicando que deveria ter-se enganado pois a filha tinha morrido num acidente perto da Kadoc há mais de um ano e obviamente que, desde então, nunca mais tinha precisado de nenhum blusão!

Os rapazes ficavam altamente perturbados. Então, para os convencer, a mãe chegava a mostrar-lhes o quarto com as coisas

conforme ela as tinha deixado, e acabavam mesmo por ir ao cemitério. Muitas vezes, o blusão estava em cima da campa da jovem, no cemitério de Quarteira.

## **NÃO NADES FORA DE PÉ!**

No estuário do magnífico rio Douro, junto ao Jardim do Calém, no Porto, há uma pequena ilha que os portuenses conhecem como a «ilha do Frade». Ora, um nome destes não podia ter outra origem senão uma fantástica história popular!

Conta a lenda que aquele local foi escolhido por uma jovem menina, uma leiteira muito conhecida e acarinhada por todos, para se encontrar com um atrevido religioso de um convento situado no outro lado do rio, em Vila Nova de Gaia.

Parece que o frade há muito que cortejava a rapariga, sempre que ela se abeirava do mosteiro para deixar à porta as bilhas de leite fresco, mas ela é que não estava pelos ajustes...

Num dia, deixou-o vir ao seu encontro, mas assim que o viu descascado, fugiu de bote, deixando-o nu, para chacota e longa memória da população.

O mais engraçado é que foram encontrados vários vestígios arqueológicos que indicam que durante algum tempo terá existido na zona que hoje é ocupada pelo Arrábida Shopping, em Gaia, um convento franciscano. Já dizia António Aleixo: «P'ra mentira ser segura/ E atingir profundidade,/ Tem que trazer à mistura/ Qualquer coisa de verdade!»

## **HÁ POR AÍ MUITOS IMPOSTORES...**

Na ilha de Porto Santo, Madeira, subsistem ainda memórias do século XVI sobre um pastor eremita de feitio bravo que habitava num dos locais mais ermos da parte norte da ilha, e que fazia por ter



poucas ou nenhuma relações com os restantes habitantes. Talvez por ser muito reservado, também era muito falado pela população, que alimentava sobre ele certos rumores.

O pastor não ligava às intrigues da vizinhança e um dia resolveu brincar com a situação. Valendo-se do mistério que circundava a sua vida, fez-se passar por profeta, um ser enviado pelo «Espírito Santo», que supostamente lhe guiava os passos e ditava as palavras.

Certa noite, o pastor desceu ao povoado, levando uma campainha estridente, o que alvoraçou o coração do povo, que ocorreu de todos os lados para ver o que se passava. E então as gentes deram de caras com o rapaz, armado em Espírito Santo, que ocupava agora a alma do profeta «Fernão Nunes», enviado para desvendar publicamente os defeitos e as culpas secretas de toda a gente. O mais curioso é que ninguém desconfiou e as pessoas foram-se deixando levar pela cantiga do pastor, o que deu origem a uma série de confusões e barbaridades.

Mas nada dura para sempre. Muito menos uma mentira! Certo dia, três habitantes da ilha que não acreditavam nas palavras do tal profeta foram direitos a Machico apresentar queixa às autoridades.

O pastor foi preso juntamente com uma sobrinha que também estava envolvida no embuste. Acabaram ambos no tribunal de el-rei no continente, de onde saíram condenados a fazer plantão à porta da Sé de Évora durante a missa de terça, com círios acesos na mão e grandes letreiros onde estava escrito: «Profetas do Porto Santo».

À conta disso, o povo do Porto Santo ainda hoje é alcunhado de «profeta», à conta da caricata brincadeira de um pastor atrevido!

## **NÃO SAIAS À RUA NO DIA E NO LUGAR ERRADOS**

Na aldeia de Carvas, que fica no concelho de Murça, não se pode trabalhar no dia 3 de maio. Ou melhor, poder até pode, mas não se deve...

A data é conhecida por «dia de Santa Cruz» ou dia de «Santo Abelhão», embora nada tenha que ver com festividades religiosas.

Segundo os mais antigos, nesse dia paira por lá a alma do velho Abelhão, que foi em tempos um aldeão muito rico e avarento e que antes de morrer resolveu enterrar todas as libras em ouro que juntou em vida para que os herdeiros não ficassem com elas. Claro que não disse a ninguém sobre a sua localização.

Porém o grande problema é que, ao morrer, precisamente a 3 de maio de um longínquo ano qualquer, Abelhão jurou a pés juntos que voltaria todos os anos no dia do aniversário da sua morte para visitar as suas «meninas» e só deixaria de vir quando alguém mais inteligente do que ele as encontrasse!

Ora isto tornou as gentes da terra muito sensíveis a qualquer tipo de acontecimentos estranhos que decorressem nesse dia. Durante décadas e décadas, muitos nem sequer saíam de casa para ir trabalhar, porque acreditavam que a alma do velho avarento iria arranjar-lhes certos azares.

Há inclusivamente histórias que ainda hoje se contam sobre aldeões que, não querendo dar ouvidos à lenda, teimaram em sair para a labuta nos campos.

Como o episódio do velho Faustino, que já morreu há muitos anos, mas sobre o qual ainda hoje se conta sobre o dia em que saiu com o carro para a lavoura e depois, já com ele bem carregado, não conseguiu que os bois andassem durante horas e horas.

Lenda ou não, certo é que ainda hoje em Cravas muita gente assinala o dia de Santa Cruz ou o dia do Santo Abelhão. Quanto aos potes de barro cheios de libras de ouro... bom, esses nunca ninguém os viu!

## **O PERIGO DE SE SER CURIOSO...**

Um dos primeiros a recolher o folclore da região de Vinhais foi o padre Firmino Martins, um antigo pároco da terra. Contou ele, nos

seus registos, posteriormente publicados pela câmara municipal, que numa noite fria de inverno um homem passou junto do adro da igreja, passeando tranquilamente o seu cão, quando sentiu uns passos no interior.

Como já era tarde e não era costume estar ninguém no templo àquela hora, o homem ficou curioso e decidiu espreitar. Lá dentro, deu de caras com duas fileiras de mulheres, velhas e novas, umas todas de preto e outras todas vestidas de branco. No meio delas pareceu-lhe ver um ente querido, o que o deixou ainda mais intrigado. Seguiu-as até às portas da igreja. Quando a última entrou e se virou para trás para fechar a porta, porém, disse algo que o deixou sem pinga de sangue:

— Vai-te embora, deixa os mortos em paz!...

Naquela noite, o homem não ganhou para o susto, mas depois a curiosidade falou mais alto. Na noite seguinte, voltou ao adro, tendo visto exatamente a mesma cena da noite anterior, mas desta vez o homem encheu-se de coragem e aproximou-se, acabando por reconhecer o rosto de uma irmãzinha falecida ainda menina vários anos antes.

Aturdido, o homem dirigiu-se a ela e pediu-lhe que o deixasse seguir a seu lado. A rapariga nada disse, mas tomou-o pelo braço e levou-o consigo. Naquela noite, quando por fim fecharam as portas, as outras também nada lhe disseram.

Como por magia, ele viu abrir-se o soalho da capela-mor. As mulheres em fila desceram a longa escadaria, que os levou a uma galeria muito profunda cheia de denso fumo com um cheiro acre.

— Que é isto? — perguntou o homem, aflito com o fumo e o cheiro, sentindo-se asfixiar.

— É o purgatório, irmão. Este fumo vem do inferno, porque é aqui que as almas se purificam, e daqui saem algumas para penar uma boa parte do ano pela terra.

Perturbado, o homem pediu então à irmã falecida que o guiasse de volta até à saída. Esta explicou-lhe como fazer:

— Espera que venham outras almas para penar e segue-as. Não te reconhecerão.

E de facto assim foi. Decorridos alguns momentos, passou outra multidão de almas e o pobre homem seguiu-as, assustado. Ao transpor as portas da igreja, ouviu finalmente uma voz:

— Vai e não voltes. Diz ao mundo o que sofremos...